



COMUNICAÇÃO AMBIENTAL: UMA PROPOSTA DE REDE DE MEIO AMBIENTE PARA A CIDADE DO NATAL-RN

Olga Maria Tavares

Doutora em Comunicação Social

Universidade Federal do Rio Grande Do Norte

1 INTRODUÇÃO

“Viver efetivamente é viver com a informação adequada”.
(Wiener)

A Base de Pesquisa Comunicação, Cultura & Mídia (www.comidia.ufrn.br), do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), tem entre suas linhas a de “Comunicação e Cultura – Rede de Comunicação Ambiental e Cidadania”, lançada em agosto de 2002, com um projeto que apresenta estudo voltado para a informação e comunicação e o seu papel no desenvolvimento local, no sentido de implantar uma Rede de Informação e Comunicação que possibilite o fluxo informacional dos diversos órgãos, públicos e privados, entidades, ONGs etc. que trabalham com meio ambiente na cidade de Natal-RN, de modo a facilitar o acesso dos cidadãos a essas iniciativas, ao mesmo tempo que os integre nesses trabalhos para que eles também sejam agentes de mudança em relação às causas ambientais. O projeto se insere na proposta da própria Instituição que já tem o portal de meio-ambiente da UFRN (www.meioambiente.ufrn.br), um Programa de Pós-Graduação em Meio Ambiente (PRODEMA) e um programa de extensão para o Meio Ambiente e Cidadania, as “Trilhas Potiguares”, com os quais o grupo citado vem mantendo permanente contato desde a sua formação, para ir definindo o futuro formato da Rede que se intenta criar.

Como lembra Carine Silva (2000, p.36), citando Pierre Lévy (1999), a comunicação mediada por computadores amplia a troca de informações até hoje estabelecida em “um e um” pelo telefone ou em “um e todos” pelos veículos de massa e implanta a interação “todos e todos”, combinando a reciprocidade e a partilha de um contexto. Para a área de Comunicação



Social, é imprescindível acompanhar as mudanças de uma nova sociedade que se preconfigura em “cidades informacionais” e que, segundo Palácios (2000), “constituem a nova morfologia das sociedades.” A Internet possibilita que se conheça a identidade cultural de cada segmento e, assim, permite que se respeite mais os valores coletivos.

O modelo de Rede vem atender à “diversidade de contextos sociais”, bem como favorecer a “participação mais consciente”, pois “cada membro é o centro da rede”; pois a Rede é “uma estrutura aberta, em constante fluxo, sempre pronta para ser reorganizada” (CIOMMO, 1997, p. 52). Por outro lado, o papel da informação e da comunicação na conformação do emergente modelo socioeconômico e político é tido como central para o desenvolvimento de qualquer atividade no sentido de atuar como força produtiva determinante, ganhando uma dimensão mobilizadora quanto ao alcance de novos padrões de gestão. O projeto visa ainda contemplar as propostas da AGENDA 21 (1992), no tocante à ampla participação do público no processo de tomada de decisões que venham a afetar a comunidade no que se relaciona a efeitos ou impactos ambientais.

A necessidade básica da comunicação é a de associar-se às diversas frentes que estarão desempenhando os variados trabalhos relativos à gestão ambiental do município de Natal, a fim de que atendam às ações a que se propõem. Ou seja, a produtividade e a realização das ações terão a dimensão do trabalho em grupo, o que implica a existência de um sistema de informação interpares, que resultará numa melhor consecução dos objetivos preestabelecidos. A mídia brasileira precisa abrir mais efetivamente espaços para a questão ambiental, no sentido de privilegiar alguns valores, padrões e atitudes que a construção social atravessa e que não pode prescindir da reflexão sobre a própria existência humana na Terra. Sem apelar para um discurso apocalíptico, que, muitas vezes, tem sido a tônica da qual se pautam os meios para chamar a atenção para o meio-ambiente, o que se quer é um outro olhar para o habitat, para a sua vizinhança e, também, para a sua própria casa, em fatos cotidianos como o recolhimento do lixo, o uso da água ou o cuidado com seu jardim.

Implantar na UFRN a proposta de uma Rede de tal natureza – que não existe ainda - possibilitará a socialização da informação, a troca mais democrática, entre todos os que trabalham com meio ambiente na cidade e a comunidade acadêmica, que pode contribuir para uma circulação da informação mais eficaz e completa. A mobilização de determinados segmentos sociais da cidade de Natal-RN vai permitir uma avaliação em termos do que é



realmente importante para os diversos grupos que são atendidos ou ligados ou assistidos pelos órgãos e afins que lidam com as questões ambientais locais, o que permitirá ações mais dirigidas e mais específicas.

Segundo Ciommo (1997, p.53), “as redes conectam quem tenha interesse, habilidades e objetivos complementares”, o que significa que a Rede pode ser um eficiente instrumento de divulgação das ações mais objetivas porque estas estarão no cerne de um trabalho cooperativo e interativo. O conjunto resultante é semelhante a “uma malha de múltiplos fios, que pode se espalhar indefinidamente por todos os lados, sempre aberta à entrada de novos participantes, sem que nenhum de seus fios possa ser considerado principal ou central” (p.52). A Rede Informacional propõe maior visibilidade aos projetos-pares, a atualização constante das ações, dos eventos etc., a organização de um acervo informativo, a possibilidade de manter um Banco de Idéias dos diversos grupos, a fim de que idéias sejam trocadas, avaliadas e/ou discutidas permanentemente.

A cidade de Natal tem alguns órgãos que trabalham diretamente com a questão ambiental em nível federal, estadual e municipal, além de entidades e organizações não-governamentais. Com a criação da Rede de Informação e Comunicação Ambiental será possível manter um sistema de troca de informação muito mais ágil, dinâmico e organizado, pois qualquer pessoa poderá ter acesso ao que se desenvolve na capital potiguar em nível ambiental e, assim, também poder participar das ações e contribuir com sugestões.

A difusão da informação em rede tem um alcance muito maior nos dias de hoje, fazendo com que os cidadãos participem da construção de sua própria cidadania, de modo a entender a realidade, fazer suas escolhas e evitar manipulação. A Rede é um instrumento de educação, cultura e civilidade. A comunicação ambiental em rede vai permitir que os temas do meio ambiente relativos à cidade de Natal tenham maior visibilidade e conquistem mais adeptos para a luta por uma melhor qualidade de vida cotidiana, por um planejamento turístico mais racional, por uma cidade com maiores perspectivas de crescimento equilibrado.

A implantação de uma Rede de Comunicação Ambiental fortalece o tecido social porque privilegia a criação e o desenvolvimento de associação de toda e qualquer natureza para um fim comum.

2 A REDE DE COMUNICAÇÃO AMBIENTAL

Entre os objetivos principais do planejamento estratégico da criação da Rede de Comunicação Ambiental, destacam-se a elaboração de programas de comunicação ambiental a partir das informações em Rede; a promoção do desenvolvimento das comunidades atendidas pelos projetos ambientais através da Rede; o suporte no planejamento de divulgação e de construção da informação das ações efetuadas pelas áreas afins ao meio ambiente, bem como em nível de mídia a toda e qualquer campanha que trabalhe em favor da causa ambiental; a criação de um Banco de Idéias na Rede para a troca de experiências, conhecimentos e iniciativas dos diversos grupos sociais.

Faz-se mister implantar-se uma cultura da comunicação em rede no sentido de ela poder contribuir para a interação universidade-comunidade-instituições públicas e privadas em prol da mobilização político-social e da conscientização do processo participativo global e, enfim, fazer parte da chamada cibercultura, que pode “transformar os cidadãos em inteligências associadas” (SILVA, 2000, p. 38). Via Rede, tem sido possível obter resultados positivos na mobilização e divulgação de informações. Oliveira (2002) afirma que é na informação “que está o eixo de toda e qualquer estrutura de poder. É através da comunicação, da troca, que se dá a construção dos espaços políticos e culturais, onde está o eixo do processo democrático, como a pluralidade, os direitos humanos, a ética”.

Nota-se, atualmente, um crescimento significativo no interesse às causas do meio-ambiente; contudo, ainda são poucas as experiências de redes. As mais conhecidas são voltadas para as questões educativas, como a Rede Brasileira de Educação Ambiental, A Rede Mineira de Educação Ambiental e a Rede de Educação Ambiental do Rio de Janeiro; porém, a área de Comunicação já conta com a Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental - RBJA (www.jornalismoambiental.jor.br/www.egroups.com/list/jorn-ambiente).

O funcionamento da Rede de Comunicação Ambiental da cidade de Natal-RN visa congregiar todos os órgãos, instituições públicas e privadas, entidades, ONGs etc. em torno de um planejamento informacional que se constitua um eixo de apoio às informações sobre meio-ambiente na região. A exemplo das Redes bem-sucedidas, a proposta é a de trocar informações relativas à área ambiental na região e, assim, poder discutir fontes, denúncias, questões relevantes, encontros etc., possibilitando uma coesão de propósitos conjuntos. A

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Comunicação Científica e Ambiental**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



formação da Rede demanda um tempo de amadurecimento, pois são necessárias algumas definições *a priori*: a) a não-hierarquia dentro da Rede – seu funcionamento e continuidade se dará pelo entrosamento dos grupos e por idéias e objetivos afins, ou seja, ela só pode ser resultado de uma integração coletiva, uma “relação horizontal”, como aponta a AGENDA 21: “cada um é usuário e provedor de informação, considerada no sentido amplo que inclui dados, informações, experiência adequadamente acumulada e conhecimento”; b) o fluxo constante das informações – o abastecimento das notícias, das ações etc. deve ter um responsável.

2.1 O jornalismo ambiental na Rede

Já existem algumas comunidades virtuais de jornalistas que circulam em torno de temas variados, como a Computer Assisted Reporting and Research (CARR-L), que é uma imensa redação virtual. Os jornalistas utilizam-se da Rede para troca de informações, para discussão de pautas ou cooperação mútua. Em 1998, criou-se a primeira Rede Brasileira de Jornalismo Ambiental (RBJA) (www.egroups.com/list/jorn-ambiente), uma proposta que congrega 183 jornalistas do país todo. Sua formação foi feita aos poucos, sendo engendrada na Rio-92. Sua única exigência é a participação apenas de pessoas ligadas à comunicação, o que tem feito com que as discussões sejam mais objetivas e mais pontuais, permitindo, assim, que estudantes e profissionais busquem informações mais específicas e contribuam mais efetivamente para as trocas interpares. Essa questão vem despertar uma outra bastante em voga: a necessidade ou não de especialização para determinadas áreas, como a científica, na qual se inclui o jornalismo ambiental. A linha de pesquisa aqui citada vem abordando essa temática e instigando posicionamentos nos estudantes-pesquisadores, que têm refletido sobre o campo de atuação do profissional que quer se dedicar ao meio ambiente, tentando responder à pergunta: a especialização é uma garantia de um jornalismo a serviço da população? Segundo Roberto Villar (2002), “o jornalismo ambiental é uma tendência irreversível na imprensa mundial”. Apesar de ainda ser incipiente no país, o Núcleo de Ecojornalistas do Rio Grande do Sul, do qual esse autor faz parte, acredita que “é preciso formar uma rede virtual de jornalistas especializados em meio ambiente no Brasil, através da Internet”. Villar completa que é “fundamental que as faculdades de comunicação compreendam a importância da ecologia na formação dos futuros jornalistas”.

3 A PESQUISA DA REDE DE COMUNICAÇÃO AMBIENTAL

A discussão teórico-metodológica referente a redes de informação e comunicação ainda é incipiente. Este projeto vai buscar sua fonte em experiências práticas que já vêm tendo algum resultado positivo e que podem ser o instrumento de referência aos propósitos que este trabalho tem como meta. The network society, de Kevin Harris (1999) vai nortear algumas das colocações que este projeto se propõe trabalhar: a importância da informação e da comunicação como ingredientes para a vida em comunidade; a contribuição econômica e social que as atividades comunitárias proporcionam; a eficiência e a rapidez nas trocas dos diversos níveis da comunidade. O potencial da comunicação *online* para melhorar a vida das comunidades é um ponto fundamental para transformar as relações e impulsionar as ações. Como Manuel Castells (2000) sugere, este projeto também intenta privilegiar uma humanização do uso dos meios de comunicação, de modo que eles se tornem fontes de conhecimento e de troca de conhecimento, que formem alianças estratégicas para o bem-comum da comunidade local e assumam um novo paradigma tecnológico que vai se organizar para um “projeto-em-rede” de todos. As questões do meio ambiente estão intrinsecamente ligadas àquelas referentes à cidadania. A criação de uma Rede de Comunicação Ambiental vai estar no cerne de um exercício de cidadania, cuja tarefa maior passa pelo acesso à informação (SPINK; CLEMENTE, 1997), direito de todo cidadão. Conforme Benevides (1996), “o que importa, essencialmente, é que se possam garantir ao povo a reformação e a consolidação institucional de canais abertos para a participação – com pluralismo e com liberdade”. Para Toro e Werneck (1997), “quando a sociedade começa a entender que é ela que constrói a ordem social, vai adquirindo capacidade de autofundar a ordem social, de construir a ordem desejada. A participação deixa de ser uma estratégia para converter-se em ação rotineiras”.

As primeiras ações devem se voltar para a compreensão do conceito de meio ambiente e cidadania, a fim de que as informações colhidas e divulgadas possibilitem às pessoas tomarem conhecimento da situação que se quer focalizar. Ninguém melhor do que os próprios cidadãos para cuidar dos seus próprios bens. A natureza e a cidade são bens comuns a todos. Os cuidados com a vida sustentável dependem essencialmente das convicções das pessoas e de seu compromisso com essas convicções (TORO; WERNECK, 1997). A princípio, o sistema de rede deve se pautar sobre dois pontos que o solidifiquem, como sugerem esses autores:

- estabelecer rotinas que podem ser executadas por qualquer equipe;
- legitimar o programa junto ao público através da prestação de um serviço eficiente, rápido e objetivo.

Os componentes do planejamento metodológico são:

- Fazer o levantamento dos trabalhos desenvolvidos em Natal, quanto ao meio ambiente, em nível de poder público, como: sistema de esgoto, revitalização de mangues, controle de desmatamento, ocupação ordenada de morros e similares, arborização, controle de poluentes de indústrias, empresas etc., estações de tratamento de água, coleta adequada de lixo, investimentos em educação ambiental, preservação de santuários ecológicos.
- Fazer o levantamento de todas os órgãos, entidades, ONGs, empresas e similares que têm trabalhado pela causa ambiental na cidade de Natal.
- Fazer o levantamento de todos os trabalhos, campanhas e/ou programas que esses órgãos e movimentos desenvolvem na cidade de Natal.
- Organizar o modelo de Rede que vai atender a todos esses diversos grupos sociais, priorizando a informação permanente sobre todas as atividades relacionadas ao meio ambiente na cidade de Natal.

De posse desse instrumental teórico-metodológico, o grupo da linha de pesquisa “Comunicação e Cultura – Rede de Comunicação Ambiental e Cidadania” estabeleceu, inicialmente, seu cronograma de trabalho, que visa a atender às etapas do planejamento, e que já vem cumprindo estes níveis: reuniões para leituras de textos sobre meio-ambiente e cidadania; criação de uma página do grupo (www.comidia.ufrn.br/taaba) que será componente da Rede; levantamento da situação dos órgãos e afins que têm projetos e ações de meio-ambiente na cidade de Natal-RN; a criação de textos jornalísticos referentes a questões ambientais locais, disponibilizados na página da linha. Um grupo de alunos também vem se dedicando a estudos de caráter científico para imprimir uma cultura de comunicação ambiental no Curso de Comunicação Social da UFRN, haja vista a área ser de pouca relevância para os meios de imprensa locais, bem como atender ao perfil de pesquisadores que a estrutura da Base de Pesquisa do DECOM-UFRN exige. Em andamento, para complementar as discussões da necessidade da criação da Rede de Comunicação Ambiental local, existem duas pesquisas que envolvem sete alunos: “O Discurso da Água na Propaganda e Publicidade do Governo do RN”; e “A Educação Ambiental nos jornais de Natal”. O nível de leitura



proposto já possibilita a descoberta, pelos alunos, da existência de um campo fértil para a introdução da disciplina “Jornalismo Ambiental” e eles vêm orquestrando a realização de uma mesa-redonda ou um painel para se discutir a área com os profissionais da imprensa potiguar e com todos os que estão voltados para as ações de meio ambiente. A partir daí, será possível ir se definindo paulatinamente a efetiva criação da Rede. A coordenadora da linha, Olga Tavares, vem desenvolvendo trabalhos em comunicação ambiental como consultora da ONG Paraiwa (www.paraiwa.org.br), cujo projeto subsidiado pelo CnPq/MCT é relativo à criação da biblioteca digital da ONG - “Projeto Águas” – integrante do grupo de pesquisa “Estudos Culturais e Tecnologias da Informação e Comunicação”, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB); e também participa do grupo de implementação do Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente (PRODEMA) da UFRN.

3.1 A dinâmica da pesquisa

Com periodicidade quinzenal, as reuniões de leitura e discussão de textos acadêmicos e jornalísticos vêm provocando discussões e determinando posicionamentos no grupo de estudantes que lhes dão subsídios para a realização das pesquisas e para a concepção que se almeja da construção da Rede de Comunicação Ambiental. A princípio, focaliza-se o objeto sob a perspectiva da importância que o meio-ambiente tem em nível humanístico, político, social e cultural: fazemos parte dessa cadeia da vida animal, vegetal e mineral. O grau de consciência vai se estabelecendo à medida que os textos de estudantes, professores e profissionais da área vão ao encontro das suas próprias observações e inferências. O conhecimento científico igualmente se amplia e se reforça nesse processo de formação de uma nova consciência. Os pontos de estudo referentes ao meio ambiente foram: água, energia, biodiversidade e reciclagem. Em termos sóciopolíticos, houve debates em torno dos discursos sobre Ecologia no Brasil: os de campanha política (de Lula e de Serra) e os da educação ambiental. Alguns princípios éticos foram expostos e analisados, tais como: o dever dos meios de comunicação e dos jornalistas de informar sobre opções de desenvolvimento que promovam o acesso de todos ao bem-estar sem causar danos ao meio ambiente (como a invasão imobiliária); expressar pluralidade de pontos de vista sobre questões ambientais diversas etc. Houve um amadurecimento intelectual no grupo de alunos que permite, hoje,

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Comunicação Científica e Ambiental**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



estabelecer uma concepção mais definida das propostas do projeto citado. Paralelamente, todos os estudantes-pesquisadores se envolveram na construção da página do grupo e escolheram seu nome e sua logomarca; um grupo optou por iniciar a pesquisa de campo – que é a relação de todos os órgãos e afins que tratam do meio-ambiente, e que tem caminhado mais lentamente (Banco de Dados); e outro grupo decidiu dedicar-se a uma pesquisa acadêmica, apresentando anteprojetos já aprovados no I Colóquio da Base de Pesquisa Comunicação, Cultura & Mídia, que ocorreu em dezembro de 2002. A linha de pesquisa tem uma pequena biblioteca de questões ambientais, com cerca de 25 volumes, entre livros e monografias, bem como duas apostilas de textos diversos e de pesquisa bibliográfica, que servem de suporte aos estudos do grupo.

4 CONSIDERAÇÕES GERAIS

*“Homem, que vem de húmus, terra fecunda.
Significa que nós somos parte
e parcela da Terra”. (Leonardo Boff)*

A partir da Rio-92 imprimiu-se no país uma idéia mais consistente de que o meio ambiente não era assunto apenas de um grupo de pessoas com pontos de vista alternativos e propostas de vida anarquistas. Mesmo que ele ainda não vigore sistematicamente no cotidiano da imprensa nacional, a ele já são dirigidos cadernos interessantes como os dos jornais O Estado de São Paulo e Jornal do Brasil. Tudo é uma questão de implementar-se uma mentalidade mais aberta para a articulação meio ambiente-vida-sobrevivência. Com a constituição de fóruns e redes, a questão ambiental vem se expandindo e se consolidando como parte de uma discussão imprescindível em todos os níveis da sociedade. Para o professor Pedro Jacob, do Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental (PROCAM) da USP, “o ambientalismo do século XXI tem uma complexa agenda pela frente. De um lado, o desafio de ter uma participação cada vez mais ativa na governabilidade dos problemas socioambientais e na busca de respostas articuladas e sustentadas em arranjos institucionais inovadores que possibilitem uma ambientalização dos processos sociais, dando sentido à formulação e implementação de uma Agenda 21 no nível nacional e subnacional. De outro, a necessidade de ampliar o escopo de sua atuação, através de redes, consórcios institucionais,



parcerias estratégicas e outras engenharias institucionais que ampliem seu reconhecimento na sociedade e estimulem o engajamento de novos atores na definição de uma agenda que acelere prioridades para a sustentabilidade como um novo paradigma de desenvolvimento”. Sob essas premissas, a linha de pesquisa aqui citada busca não só criar uma Rede de Comunicação Ambiental, mas, também, uma dinâmica de solidariedade, de integração salutar, num modelo de cidadania que privilegie a sociedade local no tocante à conquista de seu papel como agente transformador da sua própria realidade. Os estudantes-pesquisadores do Curso de Comunicação Social da UFRN buscam, principalmente, aliar o entendimento do mundo em que vivem com a prática profissional que pretendem exercer no futuro. O seu engajamento faz parte de um conceito do próprio exercício da profissão, o da responsabilidade social, como aponta o jornalista Alberto Dines: “somos responsáveis pelos efeitos de nosso trabalho e das nossas intervenções no processo”.

5 REFERÊNCIAS

- ACOT, Pascal. A história da ecologia. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- BARROS, Antonio Teixeira de. Atores e discurso ecológico no Brasil: ciência, Estado e imprensa (1972-92) (Tese) Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, 1999.
- BENEVIDES, Maria V. de M. A cidadania ativa. São Paulo: Ática, 2 ed. 1996
- BERGER, Peter; LUCKMAN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 1983.
- BERNA, Vilmar. O cidadão de sandálias. www.jornaldomeioambiente.com.br
- BERNA, Vilmar. Redes ambientais na Internet no terceiro milênio. www.jornal_domeioambiente.com.br, 2002.
- BOFF, Leonardo. Ecologia, mundialização e espiritualidade. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.
- CARTA DE BELO HORIZONTE, 2002. CONFERÊNCIA LATINO-AMERICANA DE MEIO AMBIENTE, 5., Belo Horizonte, 2002.
- CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CAVALCANTI, Clóvis (Org.) Desenvolvimento e natureza: estudos para uma sociedade sustentável. São Paulo: Cortez, 1995.
- CEBRIÁN, Juan Luis. A rede. São Paulo: Summus, 1999.



- CIOMMO, Regina. A rede e o novo paradigma. Cadernos do IV Fórum de Educação Ambiental, Rio de Janeiro, p. 52-64, 1997.
- DAVIDZIUK, A. A sociedade informacional não precisa repetir os erros da sociedade industrial, diz Susana Finquelievich. <http://www.nova-e.inf.br/bitniks/susana.htm>
- FURRIELA, Daniela B. Democracia, proteção ambiental e cidadania. São Paulo: Annablume, 2002.
- GUARECHI, P. *et al.* Os construtores da informação. Meios de comunicação, ideologia e ética. Petrópolis: Vozes, 2000.
- GRUN, Mauro. Ética e educação ambiental: a conexão necessária. Campinas: Papyrus, 1996.
- HARRIS, Kevin. The online life of communities. In: _____. Building community information networks. London: Library Association, 1999.
- JACOB, Pedro. Meio ambiente e redes sociais: dimensões intersetoriais e complexidade na articulação de práticas coletivas. www.jornaldomeioambiente.com.br, 2002.
- LAGO, Antonio; GOULÃO, José. O que é ecologia. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- LASTRES, H. M.; ALBAGLI, S. Informação e globalização na era do conhecimento. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- LEIS, Héctor. O labirinto: ensaios sobre ambientalismo e globalização. Blumenau: FURB, 1996.
- LÈVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- LIMA, Eliane. A importância da mídia na conscientização ambiental. www.jornaldomeioambiente.com.br, 2002.
- McCORMICK, John. Rumo ao paraíso: a história do movimento ambientalista. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.
- NEGROPONTE, Nicholas. Vida digital. 2 ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- NUNES, Elias. O meio ambiente da grande Natal. Programa de Graduação e Pós-Graduação em Geografia da UFRN, 2003.
- OLIVEIRA, Ida P. de. Informação ambiental, educação em redes: criando a cultura da comunicação. Brasília-DF: Instituto de Estudos Socioeconômicos, 2002.
- PALÁCIOS, Marcos. Modems, muds, bauds e FTPS: aspectos da comunicação no final do milênio. www.facom.ufba.br, 2000.
- PORTO GONÇALVES, Carlos W. Os (des) caminhos do meio ambiente. São Paulo: Contexto, 2001.
- REIGOTA, Marcos. Meio ambiente e representação social. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- ROMERO, Joaquim M. A. Las fronteras de la information en la era digital. <http://www.ucm.es/info/especulo/numero12/eradigi.html>. Jul. 1999.



- SILVA, Carine Simas. Comunidades virtuais e a comunicação via ciberespaço: uma análise da rede de jornalismo ambiental. (Monografia) Faculdade de Comunicação, PUC-RS, 2000.
- SILVA, Sérgio L. Pensamento político e representação ambiental. Cadernos de Pesquisas Interdisciplinares em Ciências Humanas, maio 2001.
- SPINK, Peter; CLEMENTE, Roberta (Org.) Vinte experiências da gestão pública e cidadania. Rio de Janeiro: FGV, 1997.
- TORO, J. B.; WERNECK, N. M. Mobilização social. [S. l.]: UNICEF, 1997.
- VELASCO, Sirio L. Como entender e viver o meio ambiente? Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental, [s. l.], v. 3, jul./set. 2000.
- VILLAR, Roberto. Jornalismo ambiental: evolução e perspectivas. www.jornaldomeioambiente.com.br, 2002.
- VILLAR, Roberto. Jornalismo ambiental: onde estão as faculdades de comunicação? www.jornalismoambiental.jor.br, 2002.
- VIOLA, J. *et al.* Meio ambiente, desenvolvimento e cidadania. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

SÍTIOS

- www.eco21.com.br
- www.redeambiente.org.br
- www.jornalismoambiental.jor.br
- www.agirazul.com.br
- www.mma.gov.br
- www.mma.gov.br/agen21
- www.memoriadomeioambiente.org.br
- www.akatu.org.br
- www.jornaldomeioambiente.com.br
- www.ecoamericas.com
- www.estadao.com.br/ciencia
- www.egroups.com/list/jorn-ambiente (RBJA)



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH/MG – 2 a 6 Set 2003
